

Montagem de biografias em Miranda July

RESUMO

Miranda July conta muitas histórias, quando produz um filme, escreve um livro ou mesmo com obras visuais. A artista inventa biografias ou as refuncionaliza, montando e colecionando memórias, assim como Aby Warburg e Walter Benjamin fizeram com a história da arte, uma montagem de saberes. O texto aborda a série de esculturas *Eleven heavy things*, os encontros inusitados e as reações que produzem e como as obras podem ser pensadas como uma busca autobiográfica. Também trata do trabalho *O escolhido foi você* onde a artista faz uma coleção de memórias com entrevistas a pessoas comuns, criando uma constelação de diálogos, uma montagem de biografias.

Palavras-chave: *Miranda July. Montagem. Biografias.*

ABSTRACT

Miranda July tells many stories, when producing a film, writing a book or through her visual works. The artist makes up biographies or readapts them, assembling and collecting memories, just like Aby Warburg and Walter Benjamin have done with art history, a knowledge montage. The text approach the series of sculptures *Eleven heavy things*, the unusual situations and reactions that produces and how the works can be thought of as an autobiographical search. It also about the work *It chooses you* where the artist makes a collection of memories with interviews to ordinary people, creating a constellation of dialogues, a montage biographies.

Mots-clés: *Miranda July. Montage. Biographies.*

Viviane Baschirotto

Mestre em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Santa Catarina. Doutoranda em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Santa Catarina. vivibaski@gmail.com

A americana Miranda July (1974) é uma artista multifacetada: trabalha como cineasta, escritora, artista plástica, atriz e roteirista. Ela roteirizou, dirigiu e atuou, por exemplo, no filme *Me and you and everyone we know* (no Brasil: *Eu, você e todos nós*), no qual interpreta o papel principal de uma artista multimídia que trabalha como taxista de idosos e se apaixona por um vendedor de sapatos. Outro de seus trabalhos é *Somebody*, um aplicativo de celular desenvolvido para entregar mensagens a pessoas estranhas. O usuário instala o aplicativo e vê por sua localização se está próximo de alguém que tenha uma mensagem pendente para ser entregue. Caso esteja próximo, o usuário aceita e entrega a mensagem para a pessoa. A ideia pode promover encontros com estranhos no mundo todo, o usuário pode mandar mensagens para conhecidos que estão longe e que, com o aplicativo, serão entregues por outra pessoa. A artista também produziu um curta metragem de mesmo nome, que conta possíveis situações de entrega de mensagem, uma delas para uma planta.

Artigo recebido em: 09/12/2015.
Aceito para publicação em: 20/02/2016.

Miranda July fez parte da 53ª Bienal de Veneza, em 2009, com o trabalho *Eleven Heavy Things* (*Onze coisas pesadas*, em tradução livre), uma série com onze esculturas interativas dispostas no Giardino delle Vergini. Havia pedestais para as pessoas subirem, blocos com furos onde poderiam inserir pernas e braços e até objetos para vestir. A Fotografia 1 exibe um dos pedestais com a seguinte inscrição (em tradução livre): “Essa é minha pequena menina. Ela é corajosa, esperta e engraçada. Ela não terá nenhum dos problemas que eu tive. Seu coração nunca será quebrado. Ela nunca será humilhada. A dúvida de si mesma não devorará seus sonhos.”¹

Nesse pedestal, a artista conta uma prévia história, um desejo de uma mãe, um pai, de alguém querido que quer o melhor para sua pequena garota. Não quer que ela sofra e quer que tenha melhores oportunidades. Esse não é sempre o sonho dos pais de uma pequena menina? Por isso, qualquer

garota pode subir no pedestal, pois a obra conversa com qualquer uma. Essa é uma biografia universal, a história de desejos de todos que têm por perto uma menina e desejam a ela o melhor.

Os blocos da artista também promovem encontros inusitados entre estranhos, uma recorrência em seu gesto artístico. Há um maior com a inscrição: “Nós não nos conhecemos, só estamos nos abraçando para a foto. Quando terminarmos, eu vou sair andando sozinho rapidamente. Está quase terminando.”² (tradução livre). De certo modo, a pessoa que sobe em um dos pedestais da artista completa a obra com a sua presença.

Ou seja, o participante torna-se parte da obra de arte como uma escultura. E quando duas pessoas estranhas tomam esse lugar no pedestal, em princípio, o lugar de uma obra de arte, elas cruzam suas histórias, entrelaçando um curto momento de suas biografias. Isto é, duas pessoas estranhas passam a fazer parte do álbum de fotografias e memórias uma da outra, materializando, assim, as obras que Miranda July produz, que objetivam a interação e a documentação desses momentos por meio da fotografia.

Em seu *site* na *internet*, a artista escreve:

Embora o trabalho comece como escultura, acaba se tornando uma performance que só se completa quando essas fotos de turistas são publicadas em *blogs* pessoais e enviadas via *e-mails* – nesse ponto, o público muda, os participantes tornam-se, claramente, o objeto, revelando-se através do trabalho. (JULY, 2014. Tradução livre.)³



Fotografia 1 - Miranda July. Eleven heavy things. Pedestal for a little girl – 2009*

*Diversos materiais e dimensões

Fonte: Disponível em: <www.mirandajuly.com>

O trabalho de July, portanto, não se encerra na participação das pessoas com seus objetos esculturas, mas, sim, quando as fotos das pessoas interagindo são compartilhadas na *internet* e tomam um caminho nessa rede. Segundo a artista, as pessoas acabam se revelando através do trabalho. As inscrições nos pedestais dizem algo que está dado e a pessoas participantes se posicionam nas obras de tal forma que incorporam as epígrafes.

Assim, as obras da artista são montagens de suas esculturas objetos com as esculturas humanas, uma combinação de duas partes, como pode ser observado também na Fotografia 2, que se completam quando compartilhadas. Nessa fotografia, nota-se um bloco fixo com três furos, da altura de uma pessoa, que sugere a interação. A foto apresenta a própria Miranda July interagindo com a sua obra.

Essa relação entre obra, espectador e compartilhamento pode ser entendida como uma montagem de ações. Por montagem, lembramos de Aby Warburg e seu método de fazer história da arte por montagem de imagens com seu Atlas Mnemosyne. No Atlas de Warburg, a combinação de imagens não é apenas um resumo em imagens, mas um pensamento através delas. Como Georges Didi-Huberman observou em *A sobrevivência da imagem*, o Atlas tem um valor de projeto aberto, talvez como *Eleven heavy things* de Miranda July, em que o uso de seus objetos esculturas, bem como o compartilhamento de imagens, fica aberto para o espectador. Didi-Huberman (2013, p. 389) aponta que no Atlas “o pensamento é uma questão de plasticidade, de mobilidade, de metamorfose”, sendo assim, a obra de arte também pode assumir esse caráter plástico, movente, que não se encerra no objeto, nem mesmo na interação do espectador com ele, mas flui pelo mundo virtual de imagens.

Assim, segundo Didi-Huberman (2013),

Mnemosyne traz todos os traços da linguagem privada e da busca autobiográfica. É uma espécie de autorretrato estilizado em mil pedaços, com esses alguns milhares de imagens afixados nas 63 telas negras em que o pensamento de Warburg – a história mesma desse pensamento – se reconhece nas circulações, nos relacionamentos das imagens entre si (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 390).

Se o próprio pensamento de Warburg no Atlas é uma busca autobiográfica que se encontra nas relações, na circulação de imagens, assim também pode ser pensada a obra de Miranda July, que se concretiza nas relações das pequenas histórias contadas pela artista com o espectador que se coloca junto à elas e assume essa biografia inventada, tomando para si uma ação ou um desejo, como a menina em cima do pedestal. E essas apropriações não se encerram no ato da interação com os objetos esculturas, mas se expandem e circulam, elas sobrevivem em rede, compartilhadas.

O autor aprofunda sua análise sobre a função memorativa das imagens:

“Função memorativa das imagens”? Essa é justamente a questão a que, desde o começo, correspondeu o conceito warburgiano de sobrevivência. É a maneira pela qual as imagens *sobrevêm e retornam*, num mesmo movimento, que constitui o movimento – o tempo dialético – do sintoma (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 390).



Fotografia 2 - *Eleven heavy things. Three hole tablet* – 2009*

*Diversos materiais e dimensões

Fonte: <http://www.designboom.com/art/miranda-july-eleven-heavy-things-at-moca>

Analogamente, *Eleven heavy things* é também uma forma dialética de obra, que realiza diferentes diálogos e diferentes frentes de pensamentos e ações. A interação do espectador com a obra é refuncionalizada no compartilhamento das imagens.

O escolhido foi você

Outro trabalho de Miranda July que pode ser entendido como montagem é o livro *O escolhido foi você*, escrito em 2009 quando ela tentava terminar o roteiro do seu segundo filme e as ideias estavam ‘escapando’. A artista afirma no livro que estava com o roteiro quase pronto, mas que ficava procrastinando com diversas coisas. Uma delas era lendo um folheto de classificados que chegava toda terça-feira chamado *PennySaver*. Ela conta como seu projeto começou, suas primeiras motivações e sobre como se relacionava com o folheto de classificados:

Vinha escondido entre cupons e outras correspondências inúteis. Eu o lia enquanto almoçava e depois, porque não tinha pressa de voltar a não escrever, acabava lendo-o inteiro, até os anúncios de imóveis no final. Examinava com cuidado cada item – não como compradora, mas como uma curiosa cidadã de Los Angeles. Cada entrada era como um pequeno artigo de jornal. Os anúncios faziam: alguém na cidade está vendendo uma jaqueta. A jaqueta é de couro. Ela também é grande e preta. A pessoa acha que vale dez dólares. Mas a pessoa não está muito certa quanto ao preço e pode considerar outros, mais baixos. Eu quis saber mais a respeito do que pensava essa pessoa da jaqueta de couro, como ela passava seus dias, com o que sonhava, o que receava – mas nenhuma dessas informações constava lá. O que constava era o telefone dela (JULY, 2013, p. 12).

Ela ainda conta que há uma regra implícita nos classificados, você só poderia ligar para o número do anunciante para tratar do anúncio. Mas lembrou que vivia em um país livre e que estava com vontade de sentir essa liberdade. Ela ligou, então, para o número do anúncio da jaqueta, um homem com voz sussurrante atendeu e disse

que a jaqueta ainda estava à venda. Em seguida, ela fez uma pausa e perguntou se quando ela fosse ver a jaqueta também poderia entrevistar o anunciante, saber sobre a vida dele. O homem concordou. Miranda July acrescentou que pagaria cinquenta dólares pela entrevista. E foi assim que *O escolhido foi você* começou.

O livro começa narrando a experiência na casa de Michael (FOTOGRAFIA 3), o dono da jaqueta de couro. Por precaução, ela não foi à casa dele sozinha; foi acompanhada de uma fotógrafa e de um assistente. “A porta se abriu e lá estava Michael, um homem de sessenta e muitos anos, troncudo, ombros largos, nariz de batata, uma blusa fúcsia, peitos, batom cor-de-rosa.” (JULY, 2013, p. 16). Logo que atendeu a artista, Michael afirmou estar passando por um processo de mudança de sexo. A artista viu a jaqueta anunciada nos classificados e, logo em seguida, indagou se poderia fazer algumas perguntas. De repente, ela ponderou que as perguntas que haviam sido elaboradas para a entrevista não faziam mais sentido. Então, ela improvisou, perguntando sobre a mudança de sexo, como era sua vida antes de assumir a mudança de gênero, do que gostava de fazer. “Há alguma coisa que você queira e que ache que nunca vai ter?” “Não. Não na minha idade” (JULY, 2013, p.25). A artista fez mais algumas perguntas e, então, despediu-se de Michael.

Miranda toma para si um fragmento da biografia de Michael e a refuncionaliza e, por meio da escrita, revela a todos essa pequena fração da vida de seu entrevistado. Em seu encontro com o *outro*, as perguntas que havia elaborado perderam o sentido, pois, diante dele, acontece o inesperado, outros estímulos e frestas foram abertos.

Depois dessa primeira experiência, Miranda July decidiu fazer contato com mais pessoas /

anunciantes por meio do *PennySaver*, para tentar interagir com eles como fez com Michael. Desses contatos com essas pessoas estranhas, surgem muitas histórias, pequenas frações de memórias, contadas no seu livro, captadas e apresentadas pelo seu olhar, de acordo com seus interesses.

Uma das histórias é a de Pauline e Raymond, que anunciaram no classificados uma mala grande que seria negociada por vinte dólares. Miranda percebeu que Pauline morava no bairro de um ex-namorado seu e refletiu:

Enquanto eu fazia aquele caminho tão familiar, pensei: “e se fosse a mesma rua, a mesma casa, e se fosse ele mesmo que estivesse vendendo a mala, e se a mala fosse minha, alguma coisa que eu tivesse esquecido, e se eu a comprasse e dentro encontrasse eu mesma criança, ou meu pai criança, ou um filho meu criança, o filho que eu ainda não tinha encontrado tempo para ter?” (JULY, 2013, p. 45).

Claramente essa experiência foi, para a artista, uma montagem de tempos, em que ela relembrou do caminho que havia feito tantas vezes; nesse trajeto tão familiar, imagens de fantasmas do passado e do futuro começaram a povoar sua mente, suas perspectivas do que poderia encontrar naquela casa. Quem Miranda encontrou foi Pauline, uma senhora de setenta anos que, na mesma hora, começou a mostrar fotografias e contar histórias de um grupo de cantores amadores do qual fez parte. Ela contou também que havia feito uma operação em uma das orelhas, por conta de um caroço com células cancerígenas. “E por causa disso perdi um pouco a audição e as coisas ficaram confusas. Não sei qual é o som da minha própria voz.” (JULY, 2013, p. 46). Miranda, então, perguntou sobre a mala que ela estava vendendo e o porquê do anúncio. Pauline explicou que, quando seus dois netos foram morar com ela, precisou vender muitas coisas, para ter mais espaço em casa.

Um dos netos de Pauline era Raymond, que tinha entre trinta e quarenta anos e usava um aparelho de surdez. Raymond contou a Miranda que entregava manequins para viver; a empresa onde ele trabalha aluga, vende, conserta e fabrica manequins. Segundo Pauline, Raymond conheceu algumas pessoas famosas, como Cameron Diaz⁴ e Mark Jenkins⁵, e que no quarto dele, como pode ser observado na Fotografia 4, Raymond mostra um manequim bem parecido com a atriz americana Elizabeth Hendrickson,⁶



Fotografia 3 – Michael – o anunciante do *PennySaver*

Fonte: JULY, 2013, p. 17.



Fotografia 4 – Na casa de Pauline e Raymond – quarto de Raymond

Fonte: JULY, 2013, p. 55.

posicionado próximo a um porta retrato contendo uma foto sua com a atriz. Miranda pergunta: “Estão isto... quer dizer... é meio parecido com ela. Por que é tão parecido com ela?” Raymond responde: “Eu me baseei numa foto dela.” Miranda continua: “Foi você quem fez o rosto dela?” Raymond responde: “Meu chefe.” (JULY, 2013, p. 54).

Entendemos que Raymond havia dado ‘vida’ a um manequim, um boneco, o transformado à semelhança de uma pessoa real; ele apresentou esse objeto inanimado como se fosse um humanoide. Walter Benjamin, em um de seus capítulos do livro das *Passagens*, escreve sobre *A boneca, o autômato* e, logo no primeiro parágrafo, cita Karl Gröber para lembrar que as bonecas manequins tinham uma grande importância na Paris dos séculos 17 e 18, pois elas eram dadas às meninas como brinquedos depois que haviam cumprido sua função na moda. Qual fascínio esses manequins exerciam sobre essas meninas? Seria o mesmo fascínio que Raymond tem sobre seu manequim, com o rosto de uma atriz famosa? Benjamin (2007, p. 734) observa que “criança não quer saber de brinquedos fantasmas, mas a maléfica magia desta passagem escorregadia ainda assume, nos dias de hoje, a forma de grandes bonecas

animadas.” Quando a criança usa o objeto para uma brincadeira, esse objeto torna-se animado durante o tempo que estiverá sendo usado. Tanto a criança quando brinca quanto Raymond provém uma sobrevida fantasmática para esses manequins.

Benjamin (2007, p. 573), em outro capítulo, reflete sobre figuras feitas em cera, ele escreve “Morada de sonho”, logo após uma anotação sobre o livro *A velha loja de curiosidades*, de Charles Dickens.⁷ Seriam, então, os brinquedos morada de sonhos? A reflexão possível é que a brincadeira poderia ser vista como um momento onírico quando bonecas manequins ganham vida no mundo real e, assim, materializam momentos do mundo dos sonhos, umnarrativas de fantasia na realidade.

Outra história que Miranda July conta em *O escolhido foi você* é a de Pam, que anunciou no *PennySaver* álbuns de fotografias por dez dólares cada (FOTOGRAFIA figura 5). Miranda conta no livro que Pam havia comprado os álbuns de um amigo dez anos atrás. Os álbuns tinham fotos de um casal branco e rico, desde a juventude até a velhice. Segundo o relato de Pam, as fotos das viagens do casal pelo mundo que aparecem nos álbuns a inspiram, pois ela não tem dinheiro para tirar férias: “E digo: bem, posso ficar olhando estas fotos; é melhor do que nenhum tipo de férias.” (JULY, 2013, p. 106).

No seu relato, Pam ressalta que não conhecia o casal, mas que gostava de olhar as fotos porque eles pareciam felizes um com o outro. Ela ainda conta que, por muitos anos, ela e o marido foram proprietários de restaurantes e que em um deles havia uma cliente de 95 anos, que comia todos os dias no mesmo horário. O curioso disso é que essa senhora fazia um tipo de trabalho como o de Miranda, que ela ia na casa das pessoas, tirava fotos e conversava. Depois dos 60 anos, ela começou a tirar fotos de si mesma todos os dias e guardava

em álbuns. No fim da vida, quando faleceu, tinha três quartos cheios de álbuns e que o seu genro os jogou no lixo. Pam achou isso muito triste e, por isso, comprou os álbuns do casal feliz; ela não quer que essas memórias acabem na lixeira como os da senhora que frequentava seu restaurante.

Sobre essa história Miranda comenta:

Com sessenta e cinco anos, uma idade tão avançada, com quase mais nada de feminino, uma mulher decidira se fotografar todos os dias. No mesmo instante, isso se tornou uma das minhas obras de arte favoritas, ainda mais porque ela não era Sophie Calle⁸ nem Tracy Emin.⁹ [...] E, embora seja óbvio que eu gostaria de ter salvado de algum modo os álbuns, a performance terminaria com a morte dela e com a coleção sendo jogada no lixo. (JULY, 2013, p.112-113)

Para Miranda July, a performance artística dessa senhora tem um grande valor simbólico e artístico, muito maior se essa senhora tivesse a pretensão de vender essa ideia como arte, pois seu ato é genuíno. Fazer álbuns de fotografias é uma forma de colecionar memórias.

Sobre os atos de colecionar memórias, Benjamin (2007, p. 245), no capítulo sobre o *Colecionador*, observa que: “talvez o motivo mais recôndito do colecionador possa ser circunscrito da seguinte forma: ele empreende a luta contra a dispersão. O grande colecionador é tocado bem na origem pela confusão, pela dispersão em que se encontram as coisas no mundo.” Assim, o colecionador organiza os objetos de maneira que faça sentido para ele. Para Benjamin, o objeto colecionado não tem mais utilidade, como os álbuns que Pam guarda ou mesmo os álbuns que a senhora fez ao longo dos anos, mas esses objetos, essas fotografias reunidas em álbuns se completam, superando seu caráter irracional de existência. Os álbuns de fotografias entram em um sistema histórico novo: uma coleção de memórias.



Fotografia 5 – Álbum de fotografia - Pam

Fonte: JULY, 2013, p. 108.

Outro aspecto interessante dos relatos sobre Pam é que ela guardava as memórias de pessoas que nunca conheceu, um casal sempre sorridente nas fotos, mas que, em função da falta de espaço em sua casa, queria se desfazer desses álbuns, das memórias do casal de estranhos. Além disso, Pam não queria que aquelas memórias acabassem no lixo como os álbuns de fotografias da velha senhora que era cliente de seu restaurante.

De certo modo, guardar memórias de outrem faz lembrar os museus históricos, que guardam objetos que um dia foram significativos para alguém, mas que agora **não têm** seu valor relacionado à íntima afetividade de seus donos, mas, sim, ao seu valor histórico mais amplo.

Assim como Pam e a senhora idosa colecionaram seus álbuns, Miranda July em *O escolhido foi você* coleciona histórias e momentos com pessoas diferentes. A artista não coleciona nenhum objeto palpável, mas episódios íntimos de cada pessoa que entrevistou. Por meio de anúncios de classificados baratos, a artista encontra pessoas que aceitam dividir um pouco

de sua vida, de seus gostos, suas biografias e com essas histórias Miranda constrói uma constelação de diálogos. Ela nos apresenta o seu recorte, a sua coleção, organizada da sua maneira, junto as suas percepções sobre as visitas que fez.

Miranda July começa, por acaso, esse caminho de entrevistas, buscando encontrar ajuda para terminar um roteiro de filme e acaba construindo um outro trabalho com recortes da intimidade de estranhos. Coletar é, então, uma forma de tornar sagrado alguma coisa, pois o objeto é precioso para quem o coleciona. Miranda July refuncionaliza essas histórias quando as compartilha no seu livro. Em certa medida, as biografias que a artista conta e monta irrompem em sua própria história, produzindo imagens dialéticas.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte; São Paulo: Ed. UFMG; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

JULY, Miranda. *O escolhido foi você*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JULY, Miranda. Disponível em: <www.mirandajuly.com>. Acesso em: 20 nov. 2015.

NOTAS

1 This is my little girl, she is brave and clever and funny. She will have none of the problems that I have. Her heart will never be broken. She will never be humiliated. Self-doubt will not devour her dreams.

2 We don't know each other, we're just hugging for the picture. When we're done I'll walk away quickly. It's almost over.

3 Though the work begins as sculpture, it becomes a performance that is only complete when these tourist photos are uploaded onto personal blogs and sent in emails — at which point the audience changes, and the subject clearly becomes the participants, revealing themselves through the work (JULY, 2015).

4 Atriz e ex-modelo americana nascida em 1972.

5 Artista americano nascido em 1970.

6 Atriz americana nascida em 1979.

7 Charles John Huffam Dickens (1812-1870), romancista inglês.

8 Artista francesa nascida em 1953.

9 Artista inglesa nascida em 1963.